

Fazendo antropologia no bordel: Relatos de uma pesquisa participante¹

Fábio Lopes Alves

Conforme bem ressaltou Malinowski (1979), o antropólogo deve apresentar claramente para seu público, o relato da maneira como o estudo foi realizado. É por essa razão que este artigo se apresenta. Tenho o objetivo de cumprir a lição malinowskiana ao conduzir o/a leitor/a aos bastidores da pesquisa que culminou em recente publicação (ALVES 2010b), onde através de uma análise etnográfica foram descortinadas as dinâmicas de interação, gênero e sociabilidade que ocorrem na zona de meretrício. Utilizando referenciais antropológicos, apresentei como as garotas de programa constroem suas relações cotidianas no ambiente de prostituição. Ao relatar os eventos ocorrentes nessa trama, analisei as lógicas simbólicas que operam nesse ambiente

Em face ao exposto, esse relato tem por objetivo revelar como se deram meus primeiros contatos com o objeto de estudo, a minha inserção em campo, meu comportamento e, por fim, como os dados que embasam as discussões sobre a vida cotidiana no bordel foram levantados.

O trabalho de campo junto as garotas de programa durou seis meses. Nesse período, pude conviver com aproximadamente 25 mulheres que moraram no cabaré, com quem tive um contato estreito e contínuo. Mesmo quando deixei de fazer o trabalho de campo, eu as visitava, pois, o que começou com uma observação participante, pouco a pouco se transformou em amizade. Se no início da pesquisa eu me sentia obrigado a passar muito tempo com as prostitutas pela necessidade de estudá-las, o relacionamento que foi se desenvolvendo nos tornou tão próximos que, por diversas vezes, eu as visitava ou as recebia em minha própria casa, mesmo após o término da pesquisa.

Tal como ocorreu com William Foote White (1974), em seu trabalho sobre o cotidiano de uma favela italiana nos Estados Unidos, meu objetivo era obter uma visão íntima do cotidiano no cabaré. Inicialmente, alguns problemas se apresentaram. Dentre eles, o de me estabelecer como participante no ambiente de prostituição, de modo a obter

¹ Sou grato ao parecerista anônimo da R@U pelas valiosas contribuições emitidas, após cuidadosa leitura da primeira versão deste texto.

uma posição da qual eu pudesse observar. Não bastava, contudo, tornar-me conhecido pelas prostitutas. O tipo de informação que eu queria exigia o estabelecimento de relações muito próximas. Diante dessa situação, optei por ir ao ambiente prostitucional, apresentar-me e dizer sobre meu interesse. Sabia, de igual modo, que essa seria uma forma “tudo ou nada,” pois poderia tanto ser aceito como recusado pelo grupo.

Ao me aproximar da zona de meretrício Geni Drinks – nome fictício-, verifiquei que o portão de acesso estava aberto. À medida que adentrava, reduzia a velocidade. Antes mesmo de parar o carro, avistei uma moça – trajando apenas um shorts branco e um sutiã preto – que se levantava para me esperar na porta. Desci do carro. Cumprimentei-a e também a outras meninas que lanchavam. Pedi que chamasse Geni. Ela desceu por um corredor central e logo escutei a garota dizer: “Geni, tem um moreno querendo falar com você,” “Só pode ser conta. É cobrador,” respondeu Geni. Naquele momento, meu coração acelerava. Fiquei preocupado e imaginando como estaria sendo visto pelas mulheres e se seria aceito naquele ambiente.

Geni vem me atender. Apresentei-me. Com um sorriso no rosto, ela me convidou para ir até a recepção. Falei da minha pesquisa e do meu interesse em frequentar sua casa para compreender como é um ambiente de prostituição.

Num primeiro momento, a reação foi de insegurança por parte dela. O fato de eu ser professor no curso de jornalismo me trazia prejuízos. Ela temia que eu fosse um jornalista e tinha receio de que eu expusesse seu cabaré em algum meio de comunicação.

Enquanto isso, algumas garotas passavam por nós, no intuito de saber o que estava sendo conversado. Dada à insegurança, informei que o estudo tinha fins estritamente acadêmicos, mas se minha presença atrapalhasse, bastaria ela me dizer e eu me retiraria. Como não recebi nenhuma resposta, pedi um momento e me dirigi até o carro. Peguei dois livros, nos quais tenho capítulos publicados e a presenteei. Ao lhe entregar, reiterei que, em um dos textos, havia escrito sobre a representação da prostituição feminina. Imediatamente, percebi a mudança de postura.

Logo em seguida, a dona do cabaré me questiona: “Ah, você quer escrever um livro sobre as prostitutas?” Respondi que sim. Uma das garotas disse: “hum... Ele quer escrever um livro sobre a gente. Viu como a gente é importante?” Logo, Geni autorizou minha presença, porém com ressalvas, tais como: não fazer gravações, preservar o nome da boate, cidade, meninas, dentre outras.

Tamires uma das garotas que, durante o diálogo, passou por nós várias vezes, se aproximou e disse: “Quando você veio pra cá a meninas queriam saber o que estava

acontecendo. Aí eu disse pra elas: pode deixar que eu vou lá tentar descobrir alguma coisa.” Ao saber do meu interesse, imediatamente começou a contar um pouco da sua experiência como garota de programa. Nesse instante, outra moça veio e disse: “Tamires você não vai assistir? Já está passando?” Ela respondeu sorridente: “Agora não. Estou dando entrevista! Sou importante, bem!”

Não era uma entrevista propriamente dita. Mas, naquele momento pude perceber que elas se sentiam valorizadas ao conversar sobre seu cotidiano. É uma maneira de sentirem importantes. Afinal, a vida delas passa a ter interesse para outras pessoas. Ao me despedir, Geni afirmou: “Pode vir aqui a hora que quiser. Mas, se puder, venha amanhã, pois amanhã temos a noite da langერი.” Tratava-se da noite em que todas as mulheres ficam apenas de calcinha e sutiã a espera dos clientes.

Planejei retornar a noite. Novamente fiquei preocupado. Seria minha primeira observação participante. As dúvidas eram: saberia me relacionar com elas? Minha pesquisa iria dar certo? Poderia frequentar várias noites seguidas? Quanto isso iria me custar? Afinal, aparentemente, seria preciso consumir bebidas para permanecer no ambiente. Essas foram algumas das questões que imediatamente me inquietaram.

Conforme será visto mais adiante, de forma tímida e insegura passei a conviver com meu objeto de estudo. O trabalho de campo não foi fácil. As mulheres com que convivi exigiram, involuntariamente, a escolha de uma metodologia apropriada que me permitisse sair do *status* de estranho ou intruso e passasse a ser considerado alguém próximo. Em princípio, minha presença as deixavam inibidas. No entanto, com o passar do tempo e seguindo as orientações de Ruth Cardoso (1986) de que é necessário estabelecer amizades, esta foi se firmando aos poucos. Isso me favoreceu, tendo em vista que, passei a ser convidado para participar dos momentos de lazer, incluindo churrascos, festas, bailes, banhos de rio e banhos de sol entre outras atividades.

Taxista de Cabaré

Tão logo negocieei minha entrada em campo, fui para a primeira noite de pesquisa. Depois de lecionar na universidade em que trabalho, dirigi-me a Geni Drinks. Ao chegar, por volta das 23h25min, fui reconhecido pelas meninas. Naquela noite de quarta-feira, o movimento estava fraco. A razão, segundo elas, era o fato de a televisão transmitir o jogo do Corinthians. Em dias em que há jogo desse time, disseram, homens na zona são raridades.

Nesse momento foi possível identificar uma divisão interna entre as garotas de programa. Enquanto na cama da dona do cabaré sete mulheres dividiam o mesmo espaço, do lado de fora do quarto, estavam outras que não tinham proximidade suficiente para aí se deitarem.

Dentro do quarto, havia uma cadeira desocupada. Imediatamente, pensei: se eu sentasse, poderia perceber com mais detalhes o que estava sendo discutido. Mas refleti também: se eu não for convidado, não irei. Como era minha primeira vez pesquisando efetivamente aquele ambiente, não poderia vacilar. Como não fui convidado nem para entrar no quarto e nem para sentar com as meninas que estavam do lado de fora, fiquei inquieto e comecei a circular pela sala, ora saía, ora entrava, sempre na expectativa do que iria acontecer.

Nessa noite, elas organizavam um almoço que seria realizado no domingo. Geni me convidou para almoçar com elas, caso se concretizasse o evento, pois, que naquele momento estava apenas sendo planejado. Prontamente, aceitei o convite. Em seguida ela me ofereceu café. Aceitei.

Identifiquei que o expediente estava se findando quando Geni comentou sobre a necessidade de fechar o portão principal. Diante disso, despedi-me das meninas e fui convidado para retornar na noite seguinte quando, conforme relatado, aconteceria a noite da langerri.

Na noite seguinte, por volta de 20 h, retornei ao cabaré. Pelo número de carros que se encontravam no estacionamento, percebi que a casa estava movimentada. Ao entrar, cumprimentei apenas Geni que se encontrava no balcão, pois todas as meninas estavam acompanhadas. Nessa noite, o número de mulheres não era suficiente para atender a todos os clientes que ali se encontravam. Era a popular noite da langerri. Por isso, alguns esperavam elas voltarem dos programas que estavam acontecendo para atendê-los. Um dos frequentadores, que estava sozinho, aproximou-se de mim e começou a conversar.

Enquanto isso, Laura, que acabara de sair de um programa, aproxima, cumprimenta-me e me leva para conhecer a máquina de música. A música do ambiente é paga pelos clientes. Cada música custa R\$ 1,00. Para ouvir é preciso inserir uma cédula ou moeda. A máquina reconhece o valor e libera o número de canções proporcionais ao valor pago. Em seguida, Laura me diz: “Olha... fique de olho quando os clientes forem colocar música, assim podemos colocar as que você gosta.” Agradeço a gentileza e reflito sobre o fato de elas estarem começando a interagir comigo. Nessa noite, comecei a me familiarizar com o ambiente. À medida que as meninas saíam do quarto, elas tomavam a

iniciativa de me cumprimentar. Uma delas demonstra contentamento quando identifico e elogio seu perfume.

Nessa noite, após observar o ambiente, resolvi ficar um pouco na sala de dança que se encontra localizada nos fundos da zona. Local onde também há um palco de *striptease*. Dado a falta de mulheres, alguns clientes se alegram dançando sozinhos. Vejo que Tamires começa a pedir R\$ 10,00 para cada cliente que se encontra no ambiente. Esse é o valor cobrado para que eles assistam seu *striptease*. Ao chegar minha vez de contribuir, quando levei a mão em direção à carteira, ela sussurrou em meu ouvido, para que eles não ouvissem: “Você não precisa pagar! Você é de casa.”

Os clientes colaboram. Tamires que, a momentos atrás, estava somente de calcinha e sutiã, apareceu com o corpo coberto com um sobretudo preto e um chapéu “cartola.” Em seguida, no palco, o espetáculo se iniciava. O sobretudo vai ao chão. Apenas uma calcinha estilo fio dental com um “lacinho” do lado direito e um top cobrem o seu corpo. Logo o top também cai. Por baixo havia um sutiã. De repente, totalmente nua, ela desce do palco e começa a dançar com o corpo o mais próximo possível do rosto dos clientes, mas com todo o cuidado para não encostar-se a eles. Essa encenação é feita para todos os clientes que pagaram. Portanto, logo pensei: ela não vai dançar para mim porque não paguei. Chegando minha vez, tudo ocorre de forma natural como se eu estivesse pago. Laura, que estava ao meu lado, diz: “Estou te observando, se você precisar vou trazer um babador pra você.”

Passado o espetáculo do *striptease*, circulo novamente pela casa. Sento-me em frente ao balcão. Um cliente começa a conversar comigo e me oferece uma cerveja. Eu agradeço. Tamires me convida para ir à cozinha. Enquanto conversávamos, Geni diz: “Fábio, tem uns caras ali que estão a pé. Eu disse que você leva eles para casa. Mas é trinta reais. Eles aceitaram. Leva eles, é bem pertinho, é ali no posto.”

Assim, começa minha experiência de taxista. Quando volto, há outra corrida. Essa era em direção a minha casa. O preço estabelecido por Geni foi quinze reais. Como praticamente não tive gastos, disse-lhe que o dinheiro arrecadado seria utilizado para comprarmos pizza e comermos juntos na noite seguinte. As meninas comemoraram.

Na noite seguinte chovia muito. Entro no ambiente e tento perceber como os “grupinhos” estavam formados. Nessa noite, eu era esperado. Afinal, sabiam que o dinheiro arrecadado com a função de taxista seria utilizado para compra de pizzas. Elas escolheram o sabor e fizeram o pedido. Na hora de buscar, como não havia parado de

chover, estava difícil encontrar moto-táxi que trouxesse a encomenda. Diante disso, Geni pede para que eu mesmo busque, senão iria esfriar. Chegando ao restaurante, a moça que estava no caixa conhecia a mim e a minha namorada. Quando disse que fui apanhar a pizza da Geni, ela se assusta, noto pela expressão facial dela, dizendo: “Você está na Geni pagando pizza pra elas?” Como havia outros funcionários por perto, optei por não dar detalhes da minha pesquisa.

Ao chegar com as pizzas, o movimento estava intenso. Entrego a encomenda para a Geni que guarda em seu próprio quarto para que os clientes não vissem. Decidimos deixar para comer depois que eles saíssem. Assim, poderíamos comer juntos.

Em seguida, um carro estaciona. Dois homens entram e se apresentam como vendedores de enxovais. Perguntam se elas queriam comprar. Ninguém teve interesse. Imediatamente, eles fazem a proposta de pagar as despesas na casa com as próprias mercadorias. Tamires esclarece que ninguém queria fazer permuta. Um deles insiste. Estou passeando pelo salão. Tamires encontra uma saída. Chama-me de meu amor. Abraça-me e diz: “Vamos fazer nosso programa!” Saímos abraçados e fomos para a cozinha, que fica nos fundos, e me explica: “Usei você para me livrar daqueles malas.” Posteriormente, olha disfarçada para o salão, ao perceber que eles haviam saídos, convida-me para retornar ao salão. Ao voltarmos, as outras meninas riem de nós e uma delas comenta: “Vocês estão se aproveitando do Fábio.”

Como os clientes saíram, os grupos começam a se formar novamente. Tive a preocupação de circular por todos eles, mesmo sabendo que isso implicava na perda do conteúdo de vários diálogos. No entanto, o ganho residiria no fato de eu não ser associado a nenhum grupo e, conseqüentemente, não assimilaria as rivalidades existentes.

Posteriormente, sento no sofá onde Sandra e Joice, que são namoradas, mas fazem programas com homens, conversavam sobre a gravidez de Joice. Aproximo-me delas e a grávida me pede para eu passar a mão em sua barriga para perceber o bebê mexendo. Minha presença ainda causava certo constrangimento de forma que vários assuntos não eram conversados quando eu estava próximo. Ao final da noite Geni pergunta: “Você vem amanhã né? Na semana que vem vou fechar mais cedo para irmos para o baile. Vamos com a gente, aí dividimos quem vai no meu carro e quem vai no seu?” Prontamente, aceito o convite. Reflito sobre o fato de, se eu disponibilizasse meu carro para sair com as garotas, o contato poderia gradativamente ir aumentando.

Pousando na zona: o cotidiano de um “segurança”

Se antes eu circulava pelo interior da zona, por não me sentir inserido, passado uma semana, comecei a ser convidado para participar dos movimentos internos. Quando a casa está sem cliente, uma atitude tomada por elas na expectativa da chegada deles, era ir para frente da zona, levar algumas cadeiras e ficar acenando para os motoristas que passavam. Quando isso acontecia, eu era convidado a participar. Com o tempo, elas começaram a se sentir mais à vontade e não mudavam mais o rumo da conversa quando eu me fazia presente. Em determinada noite, após ficarem em frente ao cabaré acenando e chamando os clientes e eu as acompanhando, começou a chover e entramos para o recinto. Como não havia nenhum cliente na casa, Laura buscou em seu quarto uma câmera fotográfica e começou a tirar fotos.

Num certo instante, ela me convidou para fazer parte do grupo fotografado e disse que, a partir daquele momento, eu também fazia parte da zona. As noites de pouco movimento eram propícias para conversarmos sobre os mais diversos assuntos de meu interesse sem a formalidade de um gravador. Isto é, eram nesses diálogos abertos que eu fazia muitas perguntas sobre as quais tinha interesse em saber e elas me respondiam de forma natural.

Contava uma semana que eu frequentava o ambiente. Nessa noite, era esperada a chegada de mais três garotas de programa. Após alguns minutos em que estávamos sentados em frente ao cabaré, avistamos duas carretas estacionarem. Geni abre um sorriso e comenta: “Acho que são as novas meninas.” Ao descer, três mulheres se apresentam. Dispus-me a carregar as malas. Elas aceitaram e me conduziram até o quarto em que iriam morar. Fiquei contente. Era mais um espaço do ambiente que eu passava a conhecer.

Volto para a recepção. Tamires, sorridente, convida-me para sentar com as novas meninas e comenta: “Tá rolando umas fofocas. Como você está pesquisando, precisa ouvir.” Sento junto delas. Geni diz: “Meninas, deixa eu apresentar o Fábio. Ele é um amigo nosso. É professor e tá fazendo uma pesquisa.” Uma delas pergunta: “A pesquisa dele é sobre puta?” Geni confirma. Ela esclarece: “Então você tem que conhecer minha vida. Se quiser, posso te contar.” Em seguida, voltam ao assunto anterior.

Passado alguns minutos, Preta me pede R\$ 2,00. Nesse momento, os olhares das outras garotas se voltam para mim no sentido de perceber: “Vamos ver como ele vai se sair dessa!” Repasso o dinheiro solicitado. Nesse ínterim, um carro estaciona. Descem

dois homens. Um dele é aluno meu, que me cumprimenta, senta-se ao meu lado e começa a conversar. Fico constrangido. Minha preocupação era de ele ficar conversando comigo e não gastar com as mulheres. Se isso acontecesse minha estada poderia ser comprometida em função da possibilidade de atrapalhar o ganho delas. Disfarçadamente, peço licença e vou ao carro. Volto, fico um pouco distante e percebo que a interação entre ele e as mulheres se iniciou.

Posteriormente, três jovens entram. Geni fica em dúvida sobre a maioria deles. Pede o documento de identidade. Um deles se recusa. Aline diz: “Você tem que mostrar. O fiscal está ali.” E aponta para mim. Ele pergunta: “Você é fiscal mesmo?” Respondo que sim. Imediatamente ele mostra sua habilitação e diz: “Mas esse fiscal está muito parado.” Barbie responde: “Você nem imagina que o melhor da noite é ele que presencia. Ele já viu todas nós peladas.”

Ao negociar um *striptease*, Tamires passa por mim, abre o sobretudo e me mostra a fantasia íntima com a qual ria desempenhar a performance. Era de colegial. Em seguida, diz: “Professor essa é em sua homenagem! Venha assistir?” Após o *striptease* um dos clientes, diz: “Ser fiscal é muito bom hein?”

Após vinte dias de observação participante, em determinada noite, chega uma dupla de rapazes. Eles chamam duas garotas para irem para o fundo da boate. Camila, uma das convidadas, diz que não iria acompanhá-los porque eram muito mal educados. Eles escolhem, então, outra garota para interagir e saem para os fundos. Um deles retorna ao salão e presencia um rapaz sorrindo e imagina que o jovem ri dele. Em visível estado de embriaguez, foi tirar satisfação com o outro cliente querendo saber por que ele estava sendo motivo de zombaria. O rapaz explica que não estava rindo dele. Ele, nervoso, diz que vai sacar a arma e atirar no cabaré. Algumas meninas e eu nos preocupamos. Tomei a iniciativa de ficar em frente a porta, com as mãos para trás, de modo a dar a entender que fosse realmente o segurança da casa. Ele me observou. Olhei dentro de seus olhos. Mesmo estando com medo, procurei não demonstrar. Ele saiu. Acompanhei todos seus movimentos. Ele se deu conta de que era observado e voltou para os fundos e no ambiente tudo voltou à normalidade.

Ao começar um *striptease*, Geni pediu para que eu a acompanhasse de modo a impedir que qualquer cliente invadisse o palco onde ela exibia seu show. Novamente, fiz pose de segurança. O rapaz que momento atrás havia ameaçado atirar me chama. Com medo, fui. Ele me pediu uma cerveja. Busquei e compreendi que ele imaginava que de

fato eu era um funcionário da casa. Após o show, ele e seu amigo propuseram para Joice, grávida de seis meses, que ela transasse com os dois, ao mesmo tempo, num motel. Ela recusou, temendo violência. Posteriormente, eles fizeram a mesma proposta para duas outras garotas que, temerosas, também recusaram. Diante das negativas, optaram por dormir na boate. Novamente, o medo da violência pairou sobre elas. Por isso, Geni pediu se, naquela noite, eu poderia dormir ali, pois caso houvesse algum problema ter-se-ia a figura masculina no ambiente, visando inibi-los.

Geni escolheu um quarto que estava vago para eu pousar. Era o de número três. Dormi ao lado do quarto onde os clientes, tidos como violentos, faziam o programa. Ouço os gemidos da relação sexual. Uma das minhas funções era ficar atento para quaisquer sinais de violência. O combinado com as meninas foi: se houvesse quaisquer atos de violência elas bateriam na parede ou gritariam meu nome.

Tudo ocorreu dentro da normalidade. Às 06hs47min, ouvi a movimentação dos clientes. Levanto-me, abro o portão para eles saírem, fecho e volto a dormir até as 11hs, horário em que elas se levantam. O assunto do café da manhã foi sobre os clientes da noite anterior. Elas me agradeceram pelo fato de eu ter me passado por segurança. A partir daquele dia ganhei a alcunha de segurança pelas meninas do cabaré.

Em função de elas se referirem assim a mim, tive a preocupação de me portar como tal. Com olhar firme, mãos para trás, passei a caminhar por toda a boate para que os clientes também assimilassem essa imagem. Esse foi um ganho extraordinário. A partir de então, tive a liberdade para circular por qualquer espaço sem causar constrangimentos.

Passada uma semana desde a data que “assumi” a função de segurança, Geni pediu que eu ficasse no caixa enquanto ela limpava algumas mesas nos fundos. Prontamente aceitei e refleti sobre o fato de ter conseguido conquistar a confiança dela. Ao vê-la voltando com uma vasilha de copos que estavam para ser lavados, pedi se poderia lavá-los. Ela sorri e diz: “Professor, você? Lavar copos?”

Naquela mesma noite, Geni pediu para que eu depositasse um cheque de um cliente na minha conta e repassasse, após a compensação, o dinheiro para ela, O cheque estava em branco e eu deveria preenchê-lo no valor conforme o gasto, que foi de R\$ 950,00. Esse pedido se deu pelo ao fato de, tanto ela quanto o cliente serem conhecidos na cidade e, por isso, haveria a possibilidade de a esposa do freguês desconfiar do valor do cheque, conseguir cópia dele e descobrir, conseqüentemente, que ele esteve no cabaré. Se meu nome aparecesse, não haveria problema algum, pois ele poderia alegar alguma

negociação. Naquele dia, quando fui pagar minha consumação, a proprietária se recusa a receber, justificando o fato de eu ajudar no trabalho. Uma das garotas, Mel, elogiou-me, dizendo: “Nossa, o professor é ponta firme mesmo. Ele dorme aqui, fica no caixa, lava copos e ainda vai no banco. Ele é muito legal.”

Diversas vezes almocei no ambiente de pesquisa. Por mais que, por reiteradas ocasiões, Geni dissesse para eu me sentir a vontade e ir fazer refeições sempre que quisesse, precavi-me de somente almoçar quando convidado especificamente para aquela ocasião. Eram nesses encontros que, ao retornar para casa, eu levava em meu carro as garotas de programa para irem ao médico, dentista, hotéis e motéis para atender clientes. Tornou-se uma prática comum, sempre que elas precisavam sair na parte da tarde eu era convidado a almoçar e, em seguida, saímos juntos.

Até aqui, relatei como se deu a convivência com as garotas de programa no interior do bordel. No entanto, a observação participante, permitiu que, a convite das próprias garotas de programa, não ficasse restrita ao cabaré. Em função de eu passar a ser visto com alguém da própria zona de meretrício sempre que havia momentos de lazer eu era convidado a participar. Todavia, dada as limitações espaciais não será possível descrever aqui.

Após esse período, acumulei várias fotografias, todas tiradas pelas próprias garotas de programa. Elas faziam o registro nas câmeras particulares, nos mais diversos momentos, e pediam para eu salvar as imagens em CDs e ficar com uma cópia de segurança em meu computador, pois em caso de extravio elas me procurariam. Fui autorizado a publicar essas imagens desde que feito tratamento imagético com vistas a não mostrar os rostos das personagens. Essa foi a única restrição imposta.

A antropóloga Claudia Fonseca torna claro que o sexo do pesquisador é um dos múltiplos fatores que compõem o lugar da pesquisa. “O sexo de um indivíduo tem grande influência sobre seu acesso a dados e situações de campo. Homens presenciam cenas que seriam vedadas à mulheres e vice versa.” (Fonseca 1996: 31) Pude vivenciar essa situação quando estive em campo. O fato de o estudo ter sido realizado por mim, isto é, um pesquisador e não por uma pesquisadora não foi sem significância. Tive acesso as dados que uma pesquisadora teria dificuldade em conseguir. A esse respeito, vide Gaspar (1985). Trata-se de um trabalho exemplar que retrata com total maestria as dificuldades impostas à mulher que estuda a prostituição feminina no momento em que precisa estabelecer relações com as informantes. No meu caso, não tive esse infortúnio, tendo em vista que, em nenhum momento, fui visto como alguém que poderia disputar

clientes com as garotas de programa. Situação esta que pode ser inversa quando se trata de uma pesquisadora. Sobre as condições de um homem pesquisando mulheres garotas de programa vide também Freitas (1985).

Em meu primeiro contato deixei claro que meu objetivo no local pesquisado era por fazer um estudo etnográfico. Assim, foi possível evitar que elas me vissem como um cliente em potencial.

Dados os limites espaciais imposto a um relato de pesquisa, não foi possível problematizar no presente texto outras condições em/de campo, que incluem o que representou conquistar a confiança de Tamires? De que maneira incide o desempenho da figura da Geni na articulação da casa? Como ocorre a transformação do ambiente entre local de moradia x local de trabalho. No entanto, os leitores interessados nestas questões poderão encontrar uma descrição mais detalhada em Alves (2010a; 2010b).

Por fim, é mister ressaltar que esses apontamentos pessoais são relevantes porque compõem o traço peculiar à pesquisa etnográfica, conforme expôs Malinowski, sobre a necessidade de o pesquisador compartilhar do ambiente pesquisado, experienciando-o. Foi nesse clima que durante seis meses, de março a agosto de 2009, convivi intensamente com essas mulheres, quando pude observar suas práticas no período de trabalho, nas horas de folga e nos momentos de lazer.

Fábio Lopes Alves

Doutorando em Ciências Sociais
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Referências bibliográficas:

- ALVES, Fábio Lopes. *Noites de cabaré: interação, gênero e sociabilidade na zona de meretrício*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2010a. Disponível em http://bdt.d.unisinos.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1312
- _____. *Noites de cabaré: prostituição feminina, gênero e sociabilidade na zona de meretrício*. São Paulo: Arte&Ciência, 2010b.
- BACELAR, Jeferson Afonso. *A família da prostituta*. São Paulo: Ática, 1982.
- BAUER, Martin; GASKEL, George. *Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BECKER, Howard. Marginais e desviantes. In: *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1977.
- _____. *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- _____. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008.
- _____. *Segredos e truques da pesquisa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- _____. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

- CARDOSO, Ruth. As aventuras antropológicas em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: CARDOSO, Ruth. (org.). *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- FONSECA, Cláudia. A dupla carreira da mulher prostituta. *Estudos Feministas*. Florianópolis, v.4, n.1, 1996. p. 7-33.
- FREITAS, Renan Springer de. *Bordel bordéis: negociando identidades*. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.
- GASPAR, Maria Dulce. *Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- KULICK, Don. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Tradução de Cesar Gordon. Rio de Janeiro: EdFiocruz, 2008.
- LÚCIA, Amara. *A difícil vida fácil: a prostituta e sua condição*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Os argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Col. Os pensadores).
- MARTIN, Denise. *Riscos na prostituição: um olhar antropológico*. São Paulo: Humanitas, 2003.
- OLIVAR, José Miguel. *Guerras, trânsitos e apropriações: políticas da prostituição feminina a partir das experiências de quatro mulheres militantes em Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 2010. Tese de doutorado.
- OLIVEIRA, Emerson Ribeiro. *Dicionário do sexo e da prostituta*. São Paulo: Scortecci, 2001.
- PASINI, Elisiane. *Corpos em evidência, pontos em ruas, mundos em pontos: a prostituição na região da Rua Augusta em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2000.
- _____. *Os homens da vila: um estudo das relações de gênero num universo de prostituição feminina*. Tese de doutorado (Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2005.
- PEREIRA, Armando [et. al.]. *A prostituição é necessária?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- PERLONGHER, N. O. *O Negócio do Michê: Prostituição Viril em São Paulo*. SP, Brasiliense, 1987.
- RAGO, Luzia M. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- _____. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Ed Paz e Terra, 1991.
- ROBERTS, Nickie. *As prostitutas na história*. Tradução de Magda Lopes. Rio de Janeiro: Record/ Rosa dos Tempos, 1998.
- RODRIGUES, Marlene Teixeira. A prostituição no Brasil contemporâneo: um trabalho como outro qualquer? *Katalyses*. Florianópolis. v.12, n. 1 p. 68-76 jan/jun. 2009.
- WHITE, William Foote. Treinando a observação participante. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (org.). *Desvendando as máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- WINKIN, Yves. *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo*. São Paulo: Papirus, 1998.

Recebido em 15/08/2010
Aprovado em 12/09/2010